Processos criativos no ensino-aprendizagem: uma contribuição da psicologia escolar*

MARIA HELENA NOVAES MIRA**

1. Introdução; 2. Objetivos; 3. Metodologia; 4. Resultados; 5. Análise dos itens; 6. Discussão dos resultados; 7. Conclusões.

Objetivou-se nesta investigação de campo comprovar a distância entre o desejo, a necessidade e a ação do "ser criativo" na vivência institucional escolar, bem como entre aquilo que é teorizado e realmente assumido e praticado no ato pedagógico em escolas e centros educacionais públicos e privados de diferentes níveis sócio-culturais, modalidades de ensino e graus de escolarização do Rio de Janeiro. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com diretores, orientadores, supervisores, psicólogos e alunos, aplicados questionários previamente elaborados e utilizadas técnicas de observação em diversas situações escolares. A caracterização institucional foi feita através de paradigma dos componentes psicológicos de ação pedagógica da autora. Discutidos resultados, verificou-se que: a) há diferenças entre opiniões e posturas dos diversos agentes educativos, dos psicólogos, dos alunos; b) que cada instituição analisada tem percurso próprio, limites e dificuldades ao introduzir uma proposta de educação criadora; c) que a implementação de processos criativos no ensino-aprendizagem estará relacionada ao nível de coerência e consistência entre as propostas educativas e a prática pedagógica, à adesão do poder instituído, à seriedade do compromisso do corpo docente e discente e à busca de novas alternativas possíveis e necessárias no próprio contexto escolar.

1. Introdução

Trata-se de investigação de campo realizada em 40 escolas e centros educacionais do estado do Rio de Janeiro, de âmbito público e privado, tendo três delas participado em mais de uma etapa. Colaboraram 169 auxiliares de pesquisa, alunos universitários e seis monitores da disciplina Psicologia escolar e problemas de aprendizagem, do Instituto de Psicologia da UFRJ.

Teve por finalidade analisar psicologicamente os processos criativos no ensino-aprendizagem em diversos contextos escolares, modalidades de ensino e níveis de escolaridade, a fim de fornecer à comunidade subsídios que favorecessem uma compreensão mais aprofundada dos comportamentos e atitudes na prática pedagógica.

* Artigo apresentado à Redação em 5.6.89.

** Coordenadora da pesquisa realizada no Instituto de Psicologia da UFRJ com 146 alunos universitários e seis monitores. Professora Titular da PUC/Rio e Coordenadora do Curso de Pós-graduação do Departamento de Psicologia. Livre-docente UFRJ – Departamento Ajustamento. Endereço da autora: Rua Gen. Rabelo, 65, C-02 – Gávea, 22.451 – Rio de Janeiro-RJ.

A pesquisa durou 24 meses, tendo sido planejada em três etapas: uma primeira, que cobriu o primeiro e segundo semestres letivos de 87; uma segunda, realizada no primeiro semestre de 88, e a última, no segundo semestre de 88, terminando com a análise do papel do psicólogo escolar, alternativas atuais de sua atuação profissional nessa área e a percepção das escolas a seu respeito.

Sua principal contribuição é desdobrar os questionamentos sobre os processos criativos no ensino-aprendizagem, uma vez que o percurso de cada escola nesse terreno é muito peculiar e dependerá do nível de coerência e de consistência entre aquilo que é proposto e aquilo que é realmente posto em prática e assumido no compromisso de uma experiência de educação criadora.

Observa-se que a ação educativa, geralmente, não prioriza, por falta de conhecimento e interesse dos agentes educativos, o desenvolvimento e aproveitamento do potencial criativo e das capacidades humanas. Professores de diversos níveis de escolarização, desestimulados pelas dificuldades do próprio sistema de ensino, acomodam-se a uma rotina acadêmica que os leva a um permanente desgaste e a uma baixa produtividade profissional.

O psicólogo escolar, por sua vez, solicitado apenas a atender nas escolas alunos-problemas, com dificuldades específicas de aprendizagem ou de adaptação, não participa de mudanças significativas, nem atinge níveis de intervenção que poderiam reverter em benefício da própria qualidade do ensino.

Partiu-se do pressuposto de que favorecer uma mais efetiva compreensão dos componentes psicológicos da ação educativa, das condições de adaptação escolar, dos mecanismos reguladores do processo ensinar-aprender e dos processos criativos no desempenho acadêmico, tanto de alunos, de professores, como dos profissionais da educação, poderia trazer mais satisfação a todos e contribuição expressiva às comunidades e à ação educativa.

Como premissa básica assumiu-se que há um desejo e uma necessidade forte de ser criativo e também de que a educação e a aprendizagem sejam inovadoras e estimulantes. Por outro lado, o fato de as atitudes e comportamentos criativos envolverem risco e compromisso de mobilização pessoal, traz muitas resistências, dúvidas, inseguranças pessoais e profissionais.

Entre o aceitar passivamente o já pronto, o preestabelecido e o ter que construir, conquistar e transformar existe uma grande mudança de atitude dos agentes educativos, a nível de envolvimento pessoal e social – é mais fácil e cômodo sujeitar-se e submeter-se, justificando essa atitude por pressões externas, falhas do sistema ou falta de recursos que permitem criticar a tudo e a todos, mas não a falta de participação e de pouca responsabilidade dos próprios agentes educativos.

Ensino criativo é aqui entendido como conjunto de iniciativas e ações que levem à abertura de idéias, de questionamentos e busca de soluções próprias e inovadoras.

O fato de as instituições analisadas terem sido bem diversificadas oportunizou verificar diferenças entre elas, sem a preocupação de classificá-las em mais ou menos criativas, mas sim em mais ou menos consistentes e coerentes. Desta forma, verificam-se os efeitos das propostas educativas no ensino-aprendizagem e na realidade da prática pedagógica de cada uma.

Sabemos que o conceito de criatividade vem sofrendo modificações na sua interpretação, que refletem mudanças ocorridas na educação, na sociedade e na cultura. Hoje em dia, priorizam-se as influências sócio-culturais nos comportamentos criativos, há uma aproximação maior do comportamento da criatividade com os mecanismos perceptivos e cognitivos, com o imaginário e com os aspectos afeti-

vo-emocionais. Observa-se um maior comprometimento da criatividade com a efetiva compreensão entre os homens, preparando-os para o convívio social, familiar, escolar, no trabalho e no lazer.

Segundo a opinião de Lévi-Strauss (1983), "alienados de nossa própria capacidade de sermos realmente e perseverantemente criativos, buscamos na criança o homem criador. Incapazes de vivermos em nós mesmos a genuína criatividade, inundamos a formação da criança de uma infinidade de experiências e métodos de trabalho pedagógico, onde a aparência da novidade e o apelo à invenção livre não fazem mais do que denunciar a própria dificuldade do adulto de ser ele mesmo criativo".

Psicólogos e educadores têm se preocupado com a criatividade por considerá-la importante para o progresso científico e o bem-estar social.

Vários autores sugerem que a proposta de desenvolvimento da criatividade sofre interferência direta da escola; Mackninnon (1975) propõe que os professores mais criativos promovam atividades que estimulem o potencial criativo de seus alunos. Complementando este mesmo pensamento, Lowenfeld & Brittain (1977) destacam o ambiente como fator importante para o desenvolvimento deste processo; ambientes em que há autoritarismo de professores ou menosprezo pelas potencialidades dos alunos inibem suas possíveis atitudes criadoras.

McPherson (1971), por sua vez, considera que a criatividade pode surgir de três elementos principais, que são: o clima favorável do ambiente, a presença de características específicas e a disposição motivacional do indivíduo.

Vê-se, assim, que tais autores têm um ponto em comum: acreditam que a criatividade pode ser desenvolvida de diversas formas, sendo as mais comuns aquelas que visam, desde a infância, propiciar a liberdade para explorar, questionar e raciocinar sobre os problemas.

Se indivíduos possuem, em níveis diferentes, a possibilidade de serem criativos, e a criatividade é algo necessário para a auto-realização, por que então vemos tão poucas atividades criadoras em nosso meio social e na escola?

Processos criativos no ensino-aprendizagem implicam promover principalmente atitudes criadoras, favorecendo a originalidade, a apreciação do novo, a invenção, a expressão individual, a curiosidade e sensibilidade, receptividade a idéias novas, percepção sensorial e autodireção.

Um programa de ensino só pode ser considerado criativo na medida em que estimule a mudança e proporcione oportunidades aos alunos de transferirem e aplicarem os seus conhecimentos a situações da realidade social.

Pode-se julgar a criatividade no ensino pela qualidade das oportunidades efetivamente oferecidas pelos professores e pela escola para que os educandos tenham experiências ricas e personalizadas, através das quais irão estruturando comportamentos e atitudes criativas.

Contudo, o processo criador estará logicamente na dependência direta dos meios que o possibilitem, das experiências adquiridas e do acervo das informações obtidas.

Professores vêem apenas o espaço da criatividade em certas disciplinas. Por exemplo, na educação artística, e não conseguem pensá-la como sendo algo presente dentro da matemática, história, geografia e demais matérias.

Ora, em todas essas disciplinas ela poderia ser estimulada, proporcionando ao aluno o contato direto com o conteúdo, através da discussão de textos, de dramatização, da aceitação de opiniões, da apreciação de coisas novas e do estímulo a invenções, aplicando o conteúdo transmitido na sua vida cotidiana.

Métodos pedagógicos que privilegiam os processos criativos e que permitam à criança trazer sua realidade para dentro da escola e discuti-la com os colegas e o professor são mais estimuladores de curiosidade e de autoconfiança.

Cada vez mais as pessoas reconhecem que a aptidão para aprender difere de idade para idade, de indivíduo para indivíduo e que esta aptidão para aprender implica não somente capacidade intelectual, senão também fatores sociais, emocionais, perceptivos, físicos e psicológicos.

2. Objetivos

1. Configurar, na realidade da prática pedagógica em diferentes contextos educacionais, dificuldades, contradições e alternativas das propostas de um ensino criativo em escolas públicas e particulares.
2. Verificar, através dos componentes psicológicos da ação educativa, a caracterização e vivência institucional e as modalidades de ensino criativo.
3. Registrar e analisar os enunciados dos agentes educativos (diretores, orientadores pedagógicos, supervisores, professores), de psicólogos e alunos em relação aos processos criativos e seus desdobramentos educacionais.
4. Delinear as atribuições profissionais do psicólogo escolar e linhas de sua atuação com vistas a contextualizar e dinamizar os processos criativos nas diversas instituições educacionais.
5. Subsidiar instituições educacionais a fim de esclarecer e aprofundar a discussão da temática proposta.

3. Metodologia

3.1 Universo de investigação

Participaram escolas, centros e agências educacionais do estado do Rio de Janeiro, da zona urbana do Rio de Janeiro e Niterói, no âmbito público (federal, estadual e municipal) e privado, com educandos de diversos níveis econômicos (baixo e alto), percorrendo níveis de escolaridade, desde o ensino pré-escolar a universidade, formal e não-formal, leigo e religioso, regular e supletivo, tradicionais e experimentais, escolas comunitárias, escolas especiais, escolas residenciais, de ensino normal, militar e escolinha de arte.

A seleção das escolas nas três etapas da pesquisa levou em conta os seguintes critérios: compatibilidade do atendimento educacional com os objetivos do trabalho, interesse de aceitação em participar da pesquisa, diversificação do tipo das instituições a fim de permitir detectar o tema proposto nos seus múltiplos recortes.

Da primeira etapa (1987) participaram 24 agências educativas (11 públicas e 13 particulares). Das públicas, quatro eram de âmbito municipal, três estaduais e quatro federais. Freqüentavam educandos de cursos desde o pré-escolar, 1º e 2º graus, cursos profissionalizantes, cursos de ensino supletivo, ensino especial até universitários.

Quanto aos contextos sociais, estes eram diversificados, com educandos provindos de favelas, meninos de rua, populações carentes, alunos com deficiências físicas e sensoriais de classes econômicas baixa, média e alta.

Da segunda etapa (1988.1) participaram nove escolas e centros educacionais, sendo três de âmbito público (duas estaduais e uma federal) e seis de âmbito particular (maternal, jardim de infância, 1º e 2º graus e ensino técnico-comercial), de

clientela de vários níveis sócio-econômicos. Da terceira etapa (1988), participaram 11 instituições, seis de âmbito público (municipal) e cinco particulares, de pré-escolar, 1º e 2º graus.

Quanto à amplitude da abrangência do atendimento, desde uma escola com 40 até outras com 5 mil alunos.

Os profissionais entrevistados que responderam aos questionários da primeira etapa (1987), 49, sendo 19 de escolas do setor público e 30 do particular, dentre diretores, orientadores educacionais, coordenadores pedagógicos, psicólogos e professores de várias disciplinas.

Na segunda etapa (1988), participaram 46 profissionais, sendo 13 de escolas do setor público e 23 do setor privado. O maior contingente foi de professores (25), nas seguintes disciplinas: matemática, geometria, literatura, artes plásticas, história, ciências sociais, desenho, técnicas comerciais e de jardim de infância.

Nessa mesma etapa, participaram 146 alunos de diversas idades e níveis de escolaridade, sendo 59 de escolas públicas e 87 de particulares.

Na terceira etapa desse mesmo ano participaram 30 profissionais, sendo a maioria do setor particular com predomínio dos psicólogos escolares (oito) e 35 alunos de escolas particulares.

3.2 Instrumentos e procedimentos

Tratando-se de uma pesquisa participante, procurou-se envolver os alunos universitários como auxiliares de pesquisa e os monitores, além dos agentes educativos e alunos das escolas-alvo.

Na primeira etapa, foi discutido e elaborado um instrumental básico com elenco de itens a respeito dos aspectos priorizados na pesquisa, roteiro para as entrevistas semi-estruturadas e observações a serem feitas ulteriormente. Inicialmente, foram selecionados 21 itens, optando-se, depois da análise dos mesmos, por 14 deles, classificados em cinco grupos (A a D), conforme demonstra o quadro 1, que servirá de matriz para a análise dos conteúdos das respostas.

Nessa etapa, procedeu-se ao registro das respostas e opiniões dos diversos agentes educativos, agrupando-se os resultados nos grupos da matriz estabelecida, tendo sido feita a comparação entre os mesmos. Foram também levantadas as características dos profissionais que trabalhavam em escolas públicas e particulares. A análise qualitativa foi feita destacando-se o conteúdo das opiniões, lugares comuns e originalidade das respostas.

Na segunda etapa, foi utilizado o paradigma dos componentes psicológicos da ação pedagógica (Novaes) para a caracterização das instituições envolvidas, destacando-se os seguintes: ato pedagógico, relações educativas, pedagógicas e de produção, situação educativa, diálogo educativo, poder e contrato pedagógico.

Através de observação em "sala de aula", em atividades de lazer e não-formais das instituições selecionadas, foi feito o registro dos componentes de ação pedagógica, estabelecendo-se comparação entre eles, a fim de detectar a caracterização peculiar de cada escola e formas de atuação no que tange aos processos criativos.

Nesta etapa também participaram alunos que responderam ao questionário já elaborado, assim como professores, permitindo a comparação entre as opiniões de ambos.

Na terceira etapa foi acrescentado um roteiro de questões para avaliar a situação profissional do psicólogo escolar e alternativas de sua atuação, principalmente no sentido de estimular os processos criativos no ensino-aprendizagem.

Quadro 1
Matriz de análise dos itens do questionário

Número de itens	Conteúdo de análise	Grupo de itens
1	Posição idealizada, a nível geral e abstrato	
	Necessidade e desejo de criatividade	A
2	Importância da proposta de educação criadora	
	Constatação da realidade na prática educativa	
3	Obstáculos e dificuldades da vivência pedagógica	
4	Recursos estimuladores no ensino	B
9	Conceitos e clima favorável da escola	
5	Proposições práticas de identificação de potencialidades	
	Medidas oportunas de incentivo à criatividade	
6	Perspectivas de mudança na instituição	C
8	Papel do professor para desenvolver potencial criativo	
	Características do professor criativo	
7	Atributos dos comportamentos criativos	
10	Características dos alunos criativos	D
14	Percepção das atitudes criadoras na ação educativa	
	Valorização de atributos	
11	Referência ampla do contexto	
	Influência da sociedade no comportamento criativo	E
12	Potencial criativo do homem contemporâneo	
13	Ligação da criatividade com a tecnologia	

Foram feitas entrevistas com diretores, orientadores, professores a fim de registrar a percepção que as escolas tinham do psicólogo escolar e com os próprios psicólogos (caso houvesse nas escolas), para verificar que alternativas de atuação eram apontadas como mais adequadas aos diversos contextos institucionais.

4. Resultados

Na primeira etapa, ficou constatada a diferença de pontos de vista e opiniões entre os diversos profissionais que trabalham na escola (diretores, professores, orientadores e psicólogos). Aqueles profissionais mais envolvidos com a estrutura organizacional da escola *denotaram* maior preocupação com as conseqüências dos comportamentos criativos na organização-escola. Os psicólogos mostraram-se mais abertos às implicações dos comportamentos criativos e atitudes no comportamento dos alunos e professores. Estes com os efeitos da criatividade na sua prática pedagógica e rotina de sala de aula.

Houve, por outro lado, uma impregnância do contexto social e administrativo da escola, na forma de responder às proposições de alternativas de soluções. Estas respostas variaram, por exemplo, das escolas públicas para as particulares, sobremaneira, naquelas com estruturas mais rígidas ou mais flexíveis. Ficou também comprovado que, dependendo do espaço conquistado pelos professores e orientadores dentro

da própria instituição, eles têm mais liberdade. Há riqueza nas suas respostas, traduzindo uma visão mais lúcida e amadurecida sobre a problemática. Na medida que a escola estabelecia um controle mais rígido sobre os seus profissionais, suas respostas ficaram mais estereotipadas. Temiam emitir opiniões mais personalizadas.

Foi observado que, na enunciação das diretoras, dos assessores acadêmicos, há uma preocupação maior com os aspectos institucionais do material, da instalação física, espaços e atividades adequados ao processo educativo, além da preparação dos professores. Esses ficam mais preocupados em como equacionar a necessidade que têm de ser mais criativos com as pressões dos programas, exigências, limites de sala e numerosas dificuldades de aceitação. Já os orientadores vêem como mobilizar alunos e professores neste processo como um compromisso de todos; e os psicólogos, o reflexo desse processo na mudança de atitudes e comportamentos dos alunos, dos professores e da própria instituição.

5. Análise dos itens

5.1 Itens do grupo A

O ensino público registrou com maior ênfase o questionamento de padrões, normas preestabelecidas e adaptação de tais processos à caracterização da clientela e à especificidade dos contextos culturais, estimulando, inclusive, a troca com a comunidade.

As escolas particulares, embora também mencionem aspectos desse questionamento, destacam a possibilidade de se estimular as potencialidades individuais e, sobretudo, o relacionamento entre alunos e professores.

Tanto o setor público como o privado consideram a criatividade fundamental no processo ensino-aprendizagem por: favorecer novas experiências de alunos e professores, dinamizar o processo. As escolas particulares destacaram maior possibilidade de descobrir soluções novas, favorecer o trabalho individual e de grupo, tornando a aprendizagem mais produtiva. Ambos destacaram a possibilidade de valorizar a participação de alunos e professores, bem como novas alternativas de ensino enfatizando a integração social.

5.2 Itens do grupo B

A diferença entre as escolas públicas e particulares foi significativa, tendo estas maior liberdade de ação pedagógica e espaço para inovação e mudança, procurando acompanhar o trabalho e desempenho de professores e alunos.

Ainda encontram resistências e questões por parte de professores e diretores, mas há indicadores que tentam introduzir modalidades de ensino inovadoras e criativas dentro das possibilidades da instituição.

Na esfera pública, ficam claros a dificuldade de serem vencidas resistências e imposições do próprio sistema educacional das estruturas estabelecidas e o desinteresse dos professores já desgastados e sem ânimo para tentarem novas alternativas.

Psicólogos e orientadores educacionais e pedagógicos percebem mais nitidamente o problema, enquanto os diretores ficam mais limitados pelos compromissos e problemas institucionais, com medo de arriscar e romper com o já preestabelecido e com o que podem controlar.

Quanto aos professores, variam muito as opiniões, sendo que aqueles de arte, letras e de alfabetização registram a necessidade de serem introduzidas com urgência modificações nos métodos de ensino que beneficiariam o próprio desempenho dos alunos.

Dentre os obstáculos comuns às escolas de âmbito público e privado foram registrados: falta de recursos materiais, espaço, clima favorável a aceitação da criatividade no ensino, despreparo de professores. Contudo, nas escolas particulares, além da incidência de obstáculos ter sido bem menor, nota-se o interesse institucional de resolvê-los e criar condições que possam reduzí-los, discutindo mais, debatendo e tentando articular soluções viáveis.

Já na esfera pública, são enfatizados tais obstáculos, havendo sentimento de impotência em superá-los, devido aos entraves do sistema, o que leva os agentes educativos a terem que fazer um grande esforço para resolvê-los.

A diferença entre as respostas dos agentes educativos dos dois setores foi grande, registrando aqueles provindos do público falta de clima favorável, em sua maioria, ou em fase de transição, luta para encontrar tais soluções devido às barreiras dos professores tradicionais e desinteressados e de dificuldades de metodologia e de recursos.

Já no setor particular, a maioria registra que há clima favorável, quase sempre, devendo entretanto ser permanentemente conquistado, procurando-se formas conciliatórias com o gigantismo numérico de alguns colégios, conteúdos curriculares muito densos, número demasiado de alunos em sala de aula e pouco tempo disponível tanto de alunos como de professores. Registram que depende da força de motivação tanto por parte da direção como do corpo docente e discente. Alguns consideram que ainda está no campo de idealização, não sendo operacionalizada na prática. Na universidade, há mais dificuldades e os padrões são mais rotineiros e estereotipados.

5.3. Itens do grupo C

Sugestões comuns foram apontadas como facilitadoras da identificação de alunos criativos e talentosos como atividades artísticas de toda ordem, extracurriculares, dando a escola particular maior ênfase à observação e acompanhamento dos alunos, ao incentivo de situações que os levem realmente a criar, à participação de professores e dos demais elementos da escola.

Denota-se nas propostas interesse maior em tornar viável tal identificação, enquanto que na escola pública percebe-se como mais remota tal possibilidade.

Dentre as propostas, algumas referem-se especificamente a atividades concretas, como artísticas, criativas, concursos e demais, configuradas mais como eventos propriamente ditos, remetendo para atividades extraclasse, sobretudo, no setor público.

Entretanto, alguns profissionais já sentem a necessidade de se mudar comportamentos e atitudes em sala de aula, propondo o psicólogo, por exemplo, o intercâmbio e a relação entre alunos e professores; o professor não deve dar tudo pronto ao aluno, envolvendo um comprometimento mais personalizado e engajamento profissional nesse processo.

A tendência a projetar no elenco das atividades toda a responsabilidade de se ativar criatividade é, sem dúvida, mais cômoda e menos compromissada, pois dependerá dos eventos propriamente ditos, independentes da rotina acadêmica.

A relação das respostas comprovou que nesse item registram-se mais diferenças entre os profissionais envolvidos: psicólogo, diretor, orientador educacional, pedagogo e os diversos professores, do que propriamente entre o fato de a escola ser pública ou particular. Evidentemente, como eram propostas sugestões e recomendações, colocaram o que seria o idealizado e desejado.

Interessante é que todos sugiram aprendizagem por descoberta, não dando respostas prontas, usando material variado, respeitando diferenças individuais e assim por diante.

5.4 Itens do grupo D

Embora, tanto no setor público como no privado, tenham sido destacados aspectos comuns, nota-se que no particular houve valorização maior dos aspectos liberdade de ação, flexibilidade, sensibilidade e capacidade de improvisação.

O setor público registrou necessidade de diálogo aberto, franco, capacidade de adaptar ao grupo seu potencial criativo, troca de experiências, posicionamento crítico e questionamento sempre presente.

Curioso é que as "falas" da diretora, da professora e da psicóloga tiveram nesse item enunciados diferenciados; a primeira, ligada a estabelecer condições na escola para que se crie através de planejamento diário, a segunda com a troca de experiências, a descoberta dos alunos e o diálogo, e a terceira salientando atitudes e comportamentos como ter coragem para romper e buscar o novo, questionar, estabelecer espaços criativos internos e externos tanto para alunos como para professores, além de estar convicta do valor da criatividade.

De modo geral, tanto no setor público como no privado as características priorizadas nos alunos criativos foram: abertura para novas experiências, capacidade para explorar e descobrir, não-conformismo, capacidade de inovação e originalidade. As demais foram apontadas com menos freqüência. No setor privado, foram mais destacadas do que no setor público: capacidade de enfrentar situações ambíguas, diversidade de interesses, renovação pessoal e rapidez ideativa.

Em relação à distribuição das respostas pelas funções exercidas, não houve impregnância propriamente dita. As psicólogas destacaram mais atitudes de abertura para novas experiências, não-conformismo, originalidade nas decisões, capacidade de enfrentar situações ambíguas e receptividade, além de capacidade de renovação pessoal.

O que se evidencia é que houve dispersão entre as características, tendo havido mesmo impregnância maior para uns e menor para outros da mesma característica.

O setor público escolheu como mais importantes as seguintes características: 7 – 9 (87,1%) e 11 – 6 (87,2%) e menos importantes 4 – 10 (87,1%) 3 – 4 (87,2%).

No setor privado, foram mais valorizadas 10 – 5 (87,1%) 9 – 8 (87,2%) e menos valorizadas 4 – 1 (87,1%) e 2 – 4 (87,2%).

Vale registrar que a característica "fluência ideativa" é mais valorizada no setor particular e menos no setor público. A característica "comportamento não-convencional" não é considerada importante nos dois setores. A capacidade de associação de idéias foi valorizada nos dois setores. A capacidade de produzir coisas ou idéias originais também foi menos valorizada nos dois setores. As características "espontaneidade de ação", "busca de soluções" e "imaginação" foram valorizadas no setor público. Aquelas relativas à capacidade de transformar a realidade e capacidade de organização das experiências foram mais valorizadas no setor privado.

Além das já mencionadas, "capacidade de inovação" também foi menos valorizada no setor particular e a "habilidade de expressão personalizada"no setor público.

5.5 Itens do grupo E

Tanto no grupo de agentes educativos de escolas públicas quanto de particulares há consenso de que o meio influencia através, sobretudo, dos meios de comunicação de massa, e pode tanto bloquear como estimular a criatividade.

O importante é que sejam respeitadas as diferenças sociais e culturais dos alunos e das escolas. Alguns agentes educativos só atribuíram a influência a meios diretos, como TV, rádio, cinema e não propriamente aos modelos culturais implícitos nos recursos da "mídia".

Diversas posições surgiram na relação criatividade x tecnologia:

a) De interação e de reforço contínuo entre criatividade e tecnologia;
b) De dependência, sobretudo da tecnologia em relação à criatividade;
c) De supremacia a favor da criatividade;
d) De execução, não há criatividade na tecnologia;
e) De utilização. Devem ser usadas mutuamente. A tecnologia tem que ser usada de modo criativo e a criatividade pode descobrir soluções novas através dos recursos tecnológicos existentes;
f) De extrapolação para uma dimensão mais abrangente, tanto de uma como da outra, em relação ao sentido humano e visão crítica do mundo. Depoimento de uma professora: "A criatividade atua quando a tecnologia estagna".

Na segunda etapa da observação nas instituições, verificou-se que a viabilização dos processos criativos no ensino-aprendizagem só ocorreu de modo significativo na medida em que a ação educativa foi assumida pela instituição-escola, acompanhada da explicitação de uma prática pedagógica consistente e coerente nos seus objetivos e metas, filtradas e compartilhadas por todos aqueles nela envolvidos.

Por outro lado, a concretude de uma educação criadora advirá mais como uma conseqüência de vivências e compromissos que surgem na própria vida e rotina escolares, do que de um esforço centrado apenas em determinada situação ou momento educativo e desencadeado por esse ou aquele elemento isoladamente.

Ficou evidenciado que a estrutura e dinâmica da instituição, as modalidades de ensino escolhidas, o nível de participação de professores e alunos condicionam uma maior ou menor probabilidade de serem viabilizados tais processos.

Cabe à díade aluno-professor papel fundamental, pois é ela que baliza os efeitos desses processos na prática educativa.

Escolas tradicionais, mais conservadoras, que valorizam apenas conteúdo curricular, desempenho acadêmico, nas quais as relações educativas são distantes e controladoras, convivendo alunos e professores de modo formal, sem diálogo aberto, com o poder centralizado na direção, terão mais dificuldades de interagir de modo criativo nas situações de ensino-aprendizagem.

A pontuação das atividades criadoras feita através da demanda de atividades extraclasse, sejam essas de artes, concursos, gincanas, excursões e demais, comprova a dificuldade de serem assumidos os processos criativos na própria situação do ensino-aprendizagem, deslocando-os para áreas em que possam ser mais controlados nos eventos propostos pela própria instituição.

Em escolas abertas, dinâmicas e mais renovadoras na sua proposta educativa, onde permeia uma convivência participativa de todos, com objetivos explicitados e coerentes, observa-se que procuram introduzir criatividade em várias situações escolares, sentindo-se tanto alunos como professores livres e espontâneos para discutirem e resolverem problemas comuns e abrirem espaços criativos na aprendizagem e no ensino, sobretudo na prática pedagógica em geral.

Nas escolas nas quais a prática pedagógica considera a autonomia e liberdade de ação como objetivos prioritários, caminhando juntas a realidade institucional e a social ao incorporar as experiências de vida de alunos e professores e fortalecer o respeito mútuo e a interação grupal, um ensino criativo foi entendido como um desdobramento natural e inevitável.

Em instituições onde havia mais autoritarismo, controle, rigor de normas, gerando insegurança e temor de alunos e professores, os processos criativos, embora desejados e até mencionados como imprescindíveis para compensar tal clima institucional, não eram possíveis senão em caráter esporádico, configurados em eventos, em determinado momento, por esforço pessoal de determinado professor e com efeitos limitados e ocasionais.

Verificou-se que o percurso de cada instituição é, por si mesmo, peculiar e único no sentido de ter que encontrar espaços próprios de criar e inovar. Não se trata de categorizar as instituições como mais ou menos criativas, mas sim de analisar quais os seus obstáculos, dificuldades e soluções encontradas, uma vez que não são os métodos em si que garantem comportamentos e atitudes criativas, nem o desejo do diretor ou do professor, mas sim uma permeação conjunta de intenções, ações e responsabilidades de todos os elementos envolvidos.

A análise pedagógica dos componentes da ação educativa forneceu elementos mais seguros para verificar quais seriam os entraves, as contradições ou as condições facilitadoras para a viabilização de processos criativos no ensino-aprendizagem.

Não adianta achar importante criatividade na educação e mesmo desejar ser criativo, nem introduzir atividades extraclasse, fazer programas específicos, se não houver um consenso geral de sua necessidade e do compromisso de todos assumirem atitudes criativas que permeiem a convivência escolar na construção do seu cotidiano.

A análise do discurso da direção e do corpo docente, discente e dos profissionais envolvidos favoreceu a possibilidade de ser operacionalizada criatividade no ensino-aprendizagem e na escola, já que a adesão de todos a uma filosofia coesa de ação é fundamental para dar significado ao processo educativo.

Indicadores importantes a considerar seriam: o convívio participativo, o respeito à individualidade de professores e alunos, a abertura para novas experiências, a consistência do diálogo educativo, a explicitação do contrato pedagógico com permanente troca de idéias e opiniões, a distribuição do poder, a discussão de normas e forma disciplinar e o clima de liberdade de expressão.

É evidente que cada instituição tem seus limites, advindos da sua estrutura e dinâmica e deve conquistar seu caminho num espaço de tempo possível e viável.

6. Discussão dos resultados

Na terceira etapa da pesquisa, verificou-se que o compromisso assumido pela própria escola com seus objetivos, valores, remete para a instância delineadora das

diretrizes, mas é realmente na forma de convivência, na rotina das experiências, das relações educativas que se estabelecem que os comportamentos criativos são comprovados e delineados.

Em escolas particulares, sobretudo naquelas mais inovadoras e abertas, sentem maior facilidade em implementar uma proposta de educação criadora com a adesão dos professores que adaptam várias técnicas, utilizam recursos didáticos e estão preocupados com os comportamentos criativos de seus alunos.

Quadro 2

Comparação entre opiniões de professores e alunos das mesmas escolas (exemplos ilustrativos)

Professores	Alunos
O que você considera relevante numa proposta de educação criadora?	
. O desenvolvimento do raciocínio lógico é importante.	. Importante é o bom relacionamento entre alunos e professores, liberdade para colocação de conteúdos.
. Programas flexíveis, recursos humanos preparados, materiais didáticos criativos, aproximação do ensino à realidade do aluno.	. Ênfase na transmissão de idéias através do trabalho, peças, concursos, convivência comunitária, originalidade, dedicação entre aluno-professor, o aluno centro de tudo.
. Ajuda formação integrada da personalidade, condições favoráveis na relação aluno-professor, respeito à individualidade do aluno, proporciona a vivência de liberdade, adaptação a realidade competitiva, originalidade nas decisões e soluções de problemas.	. Importante a disponibilidade e abertura para novas experiências, dirigida para o desenvolvimento, uso de potencialidades, maior contato do aluno com o professor, aprimoramento cultural e intelectual
Qual, a seu ver, a interferência da criatividade no processo ensino-aprendizagem?	
. Criatividade influencia o processo de ensino, propiciando maior fixação, assimilação e motivação na aprendizagem. A criatividade somente viabilizaria de forma mais agradável o processo de exposição da matéria.	. Criatividade influencia o processo de aprendizagem facilitando a apreensão dos conteúdos.
. Criatividade funciona como reforço positivo estimulador de professores e alunos. A escola é limitada pela falta de recursos e diferentes meios de comunicação.	. Criatividade do professor produz interesse nos alunos, tira a monotonia das aulas, melhora o contato pessoal. . Criatividade é o centro das invenções, dá impulso para o crescimento.
. Facilitadora da aprendizagem fundamental por ser uma busca; torna a aprendizagem constante, eficaz, muito positiva e importante.	. Criatividade favorece a aprendizagem e entendimento; possibilita novas formas de aprender e de expressar; busca novas saídas; pode atrapalhar dependendo de como o professor a utiliza; auxilia a resolver questões mais complexas.

(Continua)

(Continuação)

Professores	Alunos
Considera os métodos pedagógicos utilizados nesta escola estimuladores da criatividade de seus alunos?	
. Há abertura da escola para a utilização de métodos pedagógicos criativos.	. Os métodos pedagógicos da escola não são estimuladores da criatividade, há excessiva preocupação com o cumprimento do currículo e com o vestibular.
. Alguns professores utilizam, outros não. . Há dificuldades na implantação de mais métodos pela precária situação do ensino.	. Sim, há bom entrosamento entre professores e alunos, existem atividades como teatro e outras, precisa melhorar mais. Não, professores são muito rígidos na transmissão da matéria e não existem muitas aulas fora das salas como em museus, laboratórios, etc.
. Não pude observar. . Não, devido a rigidez dos métodos, regras, normas muito pouco; insuficiente.	. Não, os métodos de ensino são fechados, falta incentivo, dependendo da situação, às vezes, sim, poderia ser melhor.
. Nessa escola há tentativa, mas não sei se consegue atingir praticamente o aluno.	. Os professores são desinteressados, o ensino por objetivo é fundamental – não há muita criatividade.
Quais obstáculos que ocorrem freqüentemente nesta escola e que dificultam o desenvolvimento do potencial criativo de alunos e professores?	
. Excessiva preocupação com o cumprimento do currículo e postura autocrítica de alguns professores.	. Mais freqüentes: falta de recursos; excessiva preocupação com o cumprimento do currículo, censura interna.
. Precariedade de recursos; descompasso entre a extensão do programa e o pequeno número de aulas; falta de planejamento que integre as várias matérias.	. Falta de material; mau aproveitamento das áreas de estudo e pesquisa, falta de espaço, desunião entre professores e alunos, pouca criatividade dos professores, desinformação das decisões dos diretores, más condições de ensino em geral.
. Carga horária grande de conteúdo, metodologia tradicional de ensino, turmas de alunos grandes, limitações impostas por regras, abuso de autoridade e prepotência, carga horária inadequada de professores, preocupação com objetivos rígidos a serem alcançados.	. Estudo muito direcionado, faltam debates e discussões, intransigência da direção, falta de tempo e ambiente propício, número excessivo de alunos, rigidez disciplinar e do método de ensino, falta de bons professores.
O que você proporia na sua escola para facilitar a identificação do potencial criativo (aptidões, talentos) dos alunos?	
. Maior avaliação do processo mental do aluno, uma preocupação dos professores em re-	. Criação de grêmios estudantis, jornais, teatro, excessivas atividades extras e aulas prá-

(Continua)

(Continuação)

Professores	Alunos
lacionar conteúdos de suas disciplinas com os fatos da realidade atual.	ticas.
. Testes vocacionais, atividades extraclasse, criação de um setor de psicologia que apóie e oriente os alunos.	. Gincanas, redações com temas livres, debates, oficinas de atividades artísticas (cerâmica, pintura, e outras), coral, teatro, eventos livres da escolha dos alunos, maior entendimento entre aluno-professor e direção; constante inovação, eventos desportivos, palestras, concursos, etc.
. Métodos especiais, inovadores, concursos literários, feiras de amostras, festivais, seminários, feiras de ciências, aplicação de testes de aptidões e talentos, acesso a recursos audiovisuais, currículo maleável, vivências de situações experimentais, maior utilização de laboratórios, visitas a empresas, palestras com profissionais de várias áreas.	. Debates, trabalhos em grupo, diálogo mais aberto com professores, mais liberdade na instituição, incentivo às atividades extraclasse, aulas práticas de educação artística, passeios, visitas, feiras de ciências, olimpíada intercolegial, gincanas, concursos, exploração das vocações.

Quais medidas seriam oportunas para facilitar o desenvolvimento de atitudes e de atividades criadoras na sua escola?

. Incentivar os alunos a questionarem o conteúdo, a relação com os professores e o mundo, em geral.	. Maior movimentação por parte dos alunos, professores e diretoria, com aumento das atividades extracurriculares.
. Atividades extraclasse, melhor relação professor-aluno, utilização de meios modernos de comunicação.	. Aulas recreativas, cursos de instrumentos musicais; diretoria dar mais crédito aos professores bem como aos alunos, aulas diversificadas, mudança constante nas técnicas dos professores.
. Respeito ao aluno como indivíduo consciente; conscientizar professores e alunos, fixar mais o professor no âmbito da escola, aproveitamento das vivências dos alunos, melhorar a relação aluno-professor, criar disciplinas de ênfase prática, inovação e renovação pessoal.	. "Escutar" o que os outros pensam, melhoria da relação alunos-professores, abertura para opinião dos alunos, democracia no ensino, premiação aos destaques, liberdade de trabalho para professor, métodos mais livres, criação de ambiente propício, retirar o regime militar, mais aulas de criatividade.

O que destacaria como importante na atuação de um professor criativo?

. O professor fazer reciclagem dos métodos de ensino e traçar um paralelo entre matéria e assuntos atuais.	. Não confundir criatividade com "bagunça", aplicar método didático – criativo que dê liberdade aos alunos.
. "Mente aberta", sensível para captar o momento crítico em que os alunos estejam; no-	. Imaginação, o modo de passar sua mensagem ao aluno: criar interesses orientando os

(Continua)

(Continuação)

Professores	Alunos
vidades, aulas pouco expositivas, atividades criativas.	alunos para o desenvolvimento de sua criatividade, melhor compreensão dos professores para com os alunos, discussões em sala de aula, iniciação de exercícios no sistema escolar.
. Despertar interesse dos alunos, favorecer boa relação aluno-professor, aproveitar vivências e experiências dos alunos, maleabilidade, habilidade, entusiasmo, dedicação, humildade, espírito renovador, definir objetivos claramente, dar as ferramentas aos alunos para pensar criativamente, não temer críticas, evitar aulas monótonas.	. Abertura para novas experiências, relacionar os conteúdos com o cotidiano, despertar interesse dos alunos, utilizar métodos mais criativos, perceber aptidões e talentos diferenciados, melhorar relação aluno-professor.

De que modo o professor pode favorecer o desenvolvimento do potencial criativo dos alunos?

. Dando exemplo com seu dinamismo e propondo exercícios ligados à própria curiosidade dos alunos, estimular o aluno a agir na Escola, sem o ranço do conservadorismo.	. Através do incentivo da imaginação do aluno, avaliação de capacidade criativa dos alunos e estimular confiança nos alunos dando chance para que mostrem suas qualidades e criatividade, o professor se mostrar criativo promovendo atividades diversas.
. Estimular participação e envolvimento dos alunos, não inibir o aluno com atitudes opressoras, ajudar os alunos a explorar e descobrir, procurar técnicas alternativas, favorecer debates e discussões.	. Estimular auto-desenvolvimento, mudar atitude de alguns professores, trabalhos de grupo, debates em sala, abrir diálogo para geração de idéias novas, diversificar tarefas, formar grupos de interesse.
. Incentivando, trocando e dividindo responsabilidades.	. Aula que não desse só matéria, que o professor não fosse autoritário, ouvisse, deixasse o aluno dar opinião, papos descontraídos, trazer novidades.

Como o contexto sócio-cultural influencia o potencial criador nos seus alunos e professores?

. Não há estímulo nem condições satisfatórias para educação no País. Deve haver, primeiro, justiça social para que haja estímulo.	. O potencial criativo depende do meio sócio-cultural de alunos e professores, pois o meio permite um crescimento deste potencial, influenciando com novas informações que despertam a curiosidade e levam os alunos e professores à investigação. . O contexto influencia negativamente, pois a atual condição sócio-cultural não permite aos alunos e professores desenvolverem a criatividade.

(Continua)

(Continuação)

Professores	Alunos
. Estimulando alunos e professores para trabalho renovador. . Não influi – o que influi é a postura institucional, inibe pela heterogeneidade dos alunos e professores, cria barreiras de comunicação, influi na medida em que reforça criatividade, ambiente favorável.	. Baixo rendimento, relação pessoal de aluno-professor, estimulação na escolha profissional e culpa do mau atendimento recai sempre nos alunos, o colégio atrapalha; facilita manifestações na absorção de idéias e sentimentos.
. Diferença social em geral, não interfere na criatividade dos alunos, mas é preciso estimular.	. Às vezes, pode atrapalhar, devido às dificuldades de acesso às informações e limita a criança pobre mais interessada e com oportunidade de sobrevivência.

Como situaria a ligação criatividade e tecnologia?

. A escola deveria incorporar todo avanço tecnológico, competir, aproveitar os meios de educação para explorar o potencial criativo dos alunos; não há criatividade sem tecnologia e vice-versa . A tecnologia depende da criatividade mas esta não se dirige unicamente para a primeira, pois o homem expressa criatividade também em seus relacionamentos, artes, lazer e demais atividades.	. A tecnologia surgiu da criatividade do homem, facilitando também o desenvolvimento de idéias.
. Modificando as necessidades em termos do que pessoas criativas produzem avanço tecnológico. São biunívocas. . Tecnologia facilita a criação, ligação entre elas. Tecnologia facilita criatividade. Criatividade influencia criatividade.	. Criar pressupõe tecnologia, são idênticos. Criatividade predispõe tecnologia. Tecnologia predispõe criatividade, há interdependência Tecnologia vem antes da criatividade.
. É preciso muita criatividade para renovar, e usar a tecnologia.	. Tecnologia massifica, só se recebe os produdutos da *mass-media* – usar apenas a máquina é bitolado, é preciso entender o processo.

Comprovou-se que não é um programa em si, nem técnicas, atividades propostas, que desencadearão os processos criativos; sem dúvida, são mediadores importantes, mas o fundamental é o nível do compromisso do professor com a proposta criativa, da participação dos alunos e da valorização dos comportamentos e ações que cada atividade ou técnica propõe.

Criatividade implica prazer e divertimento, mas não só. Há nos processos criativos muito esforço e disciplina mental, além de organização de ação e avaliação crítica subjacente ao trabalho criativo nas situações de ensino-aprendizagem.

Muitas vezes, as atividades esgotam-se nelas mesmas, realizaram com certo êxito o nível de participação, tudo bem, porém não se avalia nem se desdobra tal atividade nas suas conseqüências, efeitos e referências individuais, grupais e mesmo institucionais.

Quanto à atuação do psicólogo escolar, foram apontadas diversas alternativas de atuação junto a alunos, professores, orientadores, direção: esclarecendo sobre os diversos recortes da criatividade no ensino; focalizando a mudança necessária de atitudes de professores e alunos; aceitando desafios e favorecendo a autogestão da escola; estimulando condições que favoreçam o crescimento de todos, incentivando atividades extracurriculares e métodos pedagógicos criativos, orientando professores e orientadores; incentivando independência de pensamento e de ação.

7. Conclusões

Criatividade para ser realmente incorporada à ação educativa deve levar em conta múltiplos aspectos, a fim de não se tornar algo episódico ou assistemático, recomendado apenas por especialistas ou compêndios teóricos.

A dinâmica das relações que ocorrem numa escola reflete comportamentos e atitudes que permeiam o seu cotidiano. Não é o rótulo que se dá a uma escola que irá definí-la, e sim a qualidade interativa que se processa nas divergências, conflitos e tensões e as alternativas encontradas ao procurar soluções criativas para resolvê-los. Há ainda muita distância entre a teorização e a prática pedagógica bem como entre o desejo, a necessidade e a ação criativa propriamente dita. Cada instituição tem um percurso diferenciado ao assumir uma proposta criativa.

No processo de ensino-aprendizagem, o professor estimula atitudes criativas, na medida de sua disponibilidade e autenticidade, além do manejo adequado de estratégias de ensino divergente, da programação de experiências educativas significativas que desenvolvam o pensamento crítico, a sensibilidade e a capacidade de iniciativa pessoal.

Portanto, facilitar ao aluno a apropriação dos meios que favoreçam o seu autoconhecimento, a percepção da realidade, a sua comunicação com os demais, levando-o a uma atuação coerente no meio em que vive, é sua tarefa básica. Pelo domínio dos processos cognitivos, da linguagem e da ação poderá expressar-se criativamente, interagir coerentemente com o meio social e transformar o próprio contexto cultural. Daí a importância desses processos em escolas com educandos de todos os níveis sócio-econômicos.

Com respeito a como favorecer, na prática educativa, os processos criativos entendidos como um deliberado esforço e comprometimento personalizado no sentido de descobrir, inovar idéias, símbolos materiais, movimentos, formas, configurando combinações novas e originais no contexto em que vive, verificou-se que os seguintes aspectos devem ser considerados:

a) a compreensão do significado sócio-cultural dos conhecimentos transmitidos;
b) a espontaneidade da comunicação e expressão pessoal;
c) o enriquecimento dos processos cognitivos, da linguagem e da ação;
d) o relevo do oportuno e do adequado na rotina pedagógica;
e) a coerência entre as atividades, tarefas escolares e os objetivos educacionais propostos;
f) a construção de novos espaços e tempos educativos;
g) a busca de alternativas educacionais com vistas a mudanças no próprio contexto sócio-cultural.

Observou-se que a escola pode favorecer tanto o aparecimento de atitudes criadoras como conformistas e estereotipadas, confundindo-se meios com fins, mero ativismo com envolvimento criador, não levando o educando a um pensar crítico que faça com que resista ao bombardeio de imagens caóticas e idéias, emitidas pelos meios de comunicação pulverizadamente.

Recursos como televisão, fotografia, cassetes, vídeos, jogos eletrônicos, computadores utilizados no meio educacional devem ter por função incentivar o pensamento criador, a comunicação e uma atitude criadora de questionamento, de perplexidade, de julgamento crítico e de incentivo à imaginação.

Habilidades de pensamento a serem valorizadas na prática educativa são: o pensamento divergente (substituir combinações, configurar e reformular idéias e conteúdos); o pensamento crítico (interpretar o significado, avaliar com critérios, observar ambigüidades, especificar objetivos, justificar) e a capacidade de resolução de problemas e a própria lógica (raciocínio indutivo, dedutivo, formulação de regras, reconhecimento de estruturas, relações e conseqüências).

Claro que há sempre a intenção de propostas de orientação e ajuda do psicólogo junto às escolas, aos professores, aos pais e à comunidade, através de reuniões, grupos de trabalho, grupos de estudos e contatos com a comunidade.

Contudo, até que ponto tais ações, por serem na maioria das vezes assistemáticas e episódicas, conseguem realmente mudar alguma coisa? Qual o nível real do envolvimento dos agentes educativos nesse compromisso de mudança? Quais questionamentos estiveram presentes nessa investigação?

Muitas vezes, o tempo disponível para a intervenção é consumido na localização das causas, já de antemão conhecidas, na preparação interminável pelos professores de materiais de ensino, na discussão de propostas curriculares pelos pedagogos que nem chegam a ser viabilizadas, porque já se esgotou o prazo para a sua aplicação e, como mudam muito as equipes pedagógicas e os professores, novamente serão repensadas e analisadas, o que levará à repetição do mesmo fato.

Uma vez que modelos sociais, culturais, políticos e econômicos permeiam a relação educativa, o que importa é situar o grau de compromisso e envolvimento do psicólogo escolar na sua atenção profissional, pois, na luta por seus espaços e tempos profissionais, deverá traduzir, interpretar e compreender o que ocorre nos espaços e tempos educativos. Ao trabalhar com os limites dos grupos e das instituições numa relação dialética e ao ampliar a possibilidade do resgate do sujeito e do social, impõe a ruptura com discursos de retórica de natureza normativa, refletindo, questionando e praticando a realidade social.

O seu apoio a propostas educacionais alternativas o leva a redimensionar a convivência educativa, a uma nova leitura dos fatos escolares, a detectar os vínculos episódicos e superficiais com a vida e o diálogo vazio, além de registrar a singularidade nos diversos contextos sócio-culturais, regulando suas propostas de intervenção e corrigindo os desvios porventura ocorridos.

Um trabalho multi e interdisciplinar auxilia, sem dúvida, a interpretar as contradições sociais e culturais. O seu apoio e acompanhamento aos agentes educativos, às famílias, aos alunos, à direção, pode ser dimensionado de acordo com as necessidades da escola e do "espaço" conquistado.

As técnicas e procedimentos que utilizará estarão diretamente relacionados à sua proposta de ação e às possibilidades de atuação, variando bastante.

O importante seria construir situações, trabalhando condições estimuladoras, tanto com professores como com alunos, detectando lacunas, carências, contra-

dições, confrontos, para que busquem conjuntamente soluções inovadoras e necessárias.

A atuação do psicólogo escolar no crescimento institucional, bem como no desenvolvimento das potencialidades de seus membros, estimulará, sem dúvida, uma dimensão criadora, na troca social, na interação entre alunos-professores, no processo ensino-aprendizagem e favorecerá a autonomia de ação, pensamento, o enriquecimento da linguagem e da comunicação.

Evidentemente, os processos criativos não são por si mesmos os únicos responsáveis pela eficácia do ensino-aprendizagem, mas, sem dúvida, interferem muito na prática pedagógica.

A questão importante para o psicólogo escolar estaria relacionada a: Quais indicadores favorecem a implantação e coesão de propostas de uma educação mais criativa?

Dentre eles, apontamos os seguintes:

a) nível de coerência e consistência entre as propostas educativas, a prática pedagógica e a convivência escolar na instituição-foco;

b) tipo de adesão do poder instituído, do corpo docente e discente nas experiências criadoras; valorização e sistematização das mesmas;

c) condições de abertura no diálogo educativo e pedagógico a fim de discutir problemas cotidianos escolares, procurar soluções criativas;

d) avaliação séria e participante dos ganhos e resultados obtidos e dos entraves e dificuldades ocorridos ao introduzir metodologias de ensino criativo e atividades curriculares;

e) busca de situações alternativas inovadoras de acordo com as necessidades e possibilidades de cada contexto escolar;

f) utilização de procedimentos e técnicas compatíveis com a linha de atuação profissional do psicólogo;

g) acompanhamento psicológico das experiências tanto com professores, alunos, orientadores, supervisores e diretores.

Em síntese, enfatizar os processos criativos em educação implicaria promover atitudes abertas, favorecendo originalidade das respostas e apreciação do novo, invenção, curiosidade, sensibilidade aos problemas, receptividade a idéias novas e autodireção.

Na escola, é preciso que a criatividade abranja as atividades do indivíduo, desde aquelas de comunicação e linguagem, das relações e do convívio com os demais, até as da exploração do mundo e do enriquecimento da sensibilidade, uma vez que as experiências criadoras pressupõem o refinamento das descobertas pessoais, sendo produtos da interação do indivíduo com seu meio social e cultural.

Abstract

The present research aimed to analyses the distance between the need, the desire and the actions of creative behavior in learning situations, and between the theory and practice in pedagogical activities. In 40 schools from different social and cultural backgrounds, methodological procedures and grades, interview were done, questionnaires and observational techniques were applied in various educational situations. The institutional characteristics were analysed by Novaes paradigm of psychological components of the pedagogical act. Results confirmed that each institution has its own trajet, difficulties and limits; creative processes can only be implanted through the level of consistency of the educational proposal, as well as

the strenght of the compromise of teachers, and pupils; there are differences between the opinions of directors counselors, psychologists and new alternatives must be adequated to necessities and possibilites of each educational context.

Referências bibliográficas

Fiuza, M. Avaliação dos conceitos de criatividade e características do comportamento criativo. In: *Revista Tecnologia e Educação*, ABT, *14* (63), mar./abr. 1985.

Heinelt, G. *Maestros criativos, alunos criativos*. Buenos Aires, Kapeluz, 1979.

Lévi - Strauss, C. Propos rétardataires sue l'enfant créateur. In: *Regard eloigné*. Paris, Plon, 1983.

Lowenfeld, V. & Britain, W. L. *Desenvolvimento de capacidade criadora*. São Paulo, Mestre Jou, 1977.

Mackinnon, D. *The creative person*, California, UGE, 1975.

McPherson. In: Miel, A. *Criatividade no ensino*. São Paulo, Ibrasa, 1971.

Novaes, M. H. *Psicologia da criatividade*. Petrópolis, Vozes, 1972.

——. *Psicologia escolar*, Petrópolis, Vozes, 8. ed. 1987.

——. Paradigma interacional da relação pedagógica. *Revista Tecnologia e Educação*. ABT. *12* (53): 6-9.

——. O real, o possível e o necessário e a educação. *Psicologia Pedagógica*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1982. cap. 1.

——. *Análise psicológica de ação educativa*, Rio de Janeiro, ABT, n. 37, 1987. (Série Estudos e Pesquisas).

Shallcross, D. *Teaching creative behavior*. New Jersey, Prentice Hall, 1981.